

**Beatriz Christino**  
(FFLCH-USP)

## Um exame do(s) sufixo(s) *-rã* do Kaxinawá (Pano)<sup>1</sup> registrado por Capistrano de Abreu

### ABSTRACT

This article analyzes the suffix(es) *-rã* from Cashinaua (Panoan language family) as registered by Capistrano de Abreu in the early XX century. Abreu's analysis is approached and a new investigation is undertaken about *-rã* in nominal and verbal contexts in texts collected by him.

**KEYWORDS:** Panoan; Cashinaua; Morphology; Capistrano de Abreu.

### RESUMO

O presente artigo examina a natureza do(s) sufixo(s) *-rã* do Kaxinawá (Pano) registrado por Capistrano de Abreu (1853-1927) no início do século XX. Aborda-se a proposta de análise daquele pesquisador, assim como se empreende uma nova investigação das formas de ocorrência de *-rã* em contextos verbais e nominais em narrativas por ele recolhidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pano; Kaxinawá; Morfologia; Capistrano de Abreu.

### 1. INTRODUÇÃO

João Capistrano de Abreu (1853-1927) elaborou o primeiro trabalho científico dedicado ao estudo do Kaxinawá (língua Pano), publicado em 1914. Atualmente, os kaxinawás habitam um extenso território na região fronteira entre o Brasil e o Peru na Amazônia ocidental. Suas aldeias em território peruano situam-se nos rios Purus e Curanja. Do lado brasileiro, localizam-se todas no Acre, nos rios Purus, Tarauacá, Jordão, Breu, Muru, Envira e Humaitá. Segundo o censo de 2003, os Kaxinawá correspondem à mais numerosa população indígena daquele estado com cerca de 4.600 indivíduos.

---

<sup>1</sup> O presente texto representa um dos frutos de minha pesquisa de doutorado, desenvolvida sob a orientação da Profa. Cristina Altman (FFLCH-USP) e a co-orientação do Prof. Dr. Mark Münzel (Departamento de Etnografia da Philipps-Universität) e financiada pela CAPES e pelo convênio CAPES-DAAD.

Conforme indica Aguiar (1994), calcula-se que 75% dos kaxinawás peruanos seja monolíngüe e 25% domine também o Espanhol. No Brasil, a situação se inverte: 80% dos kaxinawás ali radicados se utiliza também da língua portuguesa.

Batizado com a denominação que os falantes nativos dão para a sua língua, *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* (a língua da gente verdadeira), o livro de Capistrano de Abreu apresenta o subtítulo “a língua dos caxinauás do rio Ibuacú, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá)”<sup>2</sup> e foi baseado nas informações fornecidas por dois kaxinawás que viveram na companhia daquele estudioso brasileiro. Tuxini e Borô, os “co-autores deste livro” (Abreu 1914: 627), viabilizaram a recolha de 112 relatos tradicionais, de um vocabulário Português-Kaxinawá com 1781 verbetes e de um vocabulário Kaxinawá-Portugues contendo 4329 entradas — que constituem uma fonte de abrangência e relevância sem paralelo para o estudo histórico do Kaxinawá, bem como das línguas Pano.

O presente artigo investiga o problema da descrição e categorização do(s) sufixo(s) Kaxinawá(s) que assumia(m) a forma *-rã* (segundo a transcrição adotada por Capistrano de Abreu). Para tanto, levam-se em conta dois planos distintos: (1) as soluções descritivas propostas por Capistrano de Abreu e (2) um exame preliminar dessa(s) forma(s) a partir de pressupostos teórico-metodológicos atuais. Tal investigação pretende valer como uma breve contribuição para o estudo da morfologia do Kaxinawá. Nessa língua, de natureza sufixal, os sintagmas nominais e verbais resultam de uma sucessão de morfemas de significado reduzido, cuja depreensão e categorização impõem dificuldades, conforme lembrou Camargo (1991: 186).

Em Kaxinawá, a ordem sintática não-marcada pragmaticamente é a SOV e as formas verbais não recebem marcas número-pessoais. O sistema de marcação de caso do Kaxinawá atual é descrito como caracterizado pela ergatividade cindida. Enquanto um padrão ergativo-absolutivo de flexão é associado aos sintagmas nominais (que apresentam vogal final nasalizada quando desempenham a função de A), um padrão nominativo-acusativo se manifesta nos pronomes de primeira e segunda pessoa. Não há um consenso entre os estudiosos no que tange ao funcionamento dos casos nos pronomes de terceira pessoa. Enquanto Dixon (1994: 81) descreve um padrão misto para esse tipo de pronome, com formas diversas para A (nasalizado), para S (sem marca) e para O (com terminação - *a*), Camargo (2005) reconhece a existência de um padrão neutro de marcação morfológica, em que tanto A, quanto S, quanto O revelam-se desprovidos de índices característicos.

Vale a pena lembrar que as narrativas tradicionais reunidas por Capistrano de Abreu no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* contém exemplos de sintagmas nominais em função de A não-nasalizados, assim como sintagmas nominais em função de S com nasalidade final. Além disso, na recolha efetuada no início do século XX pode-se atestar a presença de pronomes de terceira pessoa em função de A nasalizados e não-nasalizados (Christino 2007). Como será abordado mais adiante, a coletânea de narrativas empreendida por Capistrano de Abreu inclui também exemplos de sintagmas com o(s) sufixo(s) *-rã* que desafiam propostas atuais de descrição.

---

<sup>2</sup> Nesta, como em todas as demais citações, foi respeitada a ortografia do original.

## 2. OS “SUFFIXOS LEXICOS” E OS “SUFFIXOS SYNTACTICOS”

Não se poderia examinar adequadamente a proposta de análise de Capistrano de Abreu para o(s) sufixo(s) *-rã*, sem antes considerar que visão aquele autor tinha acerca dos afixos do Kaxinawá, de forma geral. Diante da facilidade com que muitos itens lexicais Kaxinawás atuavam como nomes ou como verbos, Capistrano de Abreu vinculou à natureza nominal ou verbal dos sufixos que se ligavam a cada base a tarefa de definir sua categoria em um dado contexto lingüístico.

De acordo com a perspectiva de Capistrano de Abreu, os sufixos do Kaxinawá poderiam ser subdivididos em duas classes, que encerravam tanto sufixos nominais quanto verbais: a dos “suffixos lexicos” e a dos “suffixos syntacticos”. Os primeiros corresponderiam àqueles que “modificam o sentido primitivo” (Abreu 1914: 18) da palavra a que são acrescentados e não revelariam qualquer ligação com mecanismos de caráter sintático. Como exemplos dessa categoria, podem ser mencionados “*bã* partida ou locomoção” e “*kã*-*kã* quotidianamente ou totalmente” (Abreu 1914: 23) que convertem (1) “*ci-na* iracundo, zangar-se” em (2) “*ci-na-bã* zangar-se e ir” e em (3) “*ci-na-kã-kã* zangar-se todos os dias” (p. 562).

Os “suffixos syntacticos”, por sua vez, receberam tal denominação “porque não modificam a significação do vocábulo e só aparecem nas orações” (Abreu 1914: 29). Vale dizer, sem interferir na semântica da palavra a que se uniam, agiriam no domínio da oração, fosse identificando relações entre os constituintes (no caso daqueles que Capistrano de Abreu chamou “índices casuaes”); indicando tempo verbal ou estabelecendo as distinções entre declarações e interrogações. Desse grupo fazia parte o “interrogativo, consultivo *-pa*” (Abreu 1914: 29, 599) presente em (4) “*mairã bônapa? ika*”, “terra levamos por ventura? fizeram” (Abreu 1914: 219, fragmento 2450).

Capistrano de Abreu julgava que o uso de determinados “suffixos syntacticos” permitia a inversão dos termos da oração e o abandono do padrão sintático usual em Kaxinawá: sujeito, objeto, verbo. Ele declarou que tais sufixos complicavam a tarefa do descritor, pois sua “função às vezes é difícil rastrear” (Abreu 1914: 29). Testemunhos do processo de elaboração do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, presentes em sua correspondência publicada, confirmam que os sufixos do Kaxinawá desafiaram a argúcia de Capistrano de Abreu. É o que se nota em: “Faltavam os sufixos, questão difícil de tal modo que resolvera deixá-la de parte. As dificuldades naturais complicavam-se com umas idéias errôneas que eu tinha e considerava grande cousa” (Carta escrita em 1º de dezembro de 1913, Abreu 1977[1954]: 26).

## 3. O “SUFFIXO OBSCURO”

No campo dos “suffixos syntacticos”, ficou evidente o embaraço de Capistrano de Abreu para classificar adequadamente um sufixo *-rã* nomeado por ele de “sufixo obscuro” (Abreu 1914: 18) e que apresentaria seis homônimos, segundo sua proposta de descrição.

Quais seriam as “dificuldades naturais” envolvendo a compreensão do comportamento do “sufixo obscuro” *-rã*? Por meio da comparação com as definições oferecidas para seus

homônimos, as características do “sufixo obscuro” ganhem talvez mais clareza. Nas páginas 18 e 30 do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, Capistrano de Abreu informou que *-rã*, unido a nomes, servia, muitas vezes, de substituto dos possessivos de terceira pessoa *ra-wõe* e *ra-tõ*. Em tal classe pode-se encaixar, por exemplo, (5) “*miyôirã*”, “a historia sua” (p. 434, fragmento 4905).

Capistrano de Abreu considerava função de um dos sufixos *-rã*, valer, quando ligado a verbos, como um equivalente das conjunções *ra-bĩ* e *ra-ki-a* (ambas traduzíveis por “si, pore”). Ao que tudo indica, esse seria o sufixo presente em (6) “*mĩ tçõka-ya-ma-wõ! içĩ ç’-ki-rã*” (“tu arranca não! *sinão* doe”, fragmento 209, p. 45) e (7) “*bakõ mĩx’rĩbõ, matõrã rawa piamakawõe, matõ kõõ txapõkikirã*” (“– meninos pequeninos, vós cousa alguma comei não! *sinão* vossos beijos furados apodrecem”, fragmento 955, p. 102). “*Sinão*” foi grafada em itálico por Capistrano de Abreu de modo a sinalizar que sua posição na sentença portuguesa não coincidia com a da suposta construção equivalente em Kaxinawá, o que representava uma exceção, pois as palavras portuguesas nas traduções de sua autoria eram colocadas exatamente na mesma ordem que suas correspondentes na versão original.

Ainda no terreno dos sufixos *-rã* que se juntavam a verbos, Capistrano de Abreu aludiu a um que tomaria o sentido de “quando”. Dentre os muitos exemplos que se poderia lembrar, figuravam (8) “*na nai tõkõirã*” (“este ceu quando se quebra (troveja)”, fragmento 4875, p. 431) e (9) “*na nũ mawairã*” (“estes nós quando morremos”, fragmento 4891, p. 432).

Evidenciando sua condição de “sufixo syntactico”, existiria um *-rã* que

[á]s vezes [...] dá idéa de “que” no acusativo. A mulher que foi buscar agua deixando o filho entregue à onça, e não o encontrou ao voltar, pergunta 3179: *ia-yã, ra-ni-a mĩ ba-bã, õe mi-ki bax-i-bã-na-rã* parece traduzir-se: sogra aonde teu neto eu tu com deixei, sahi “que”? (Abreu 1914: 30)

Embora o fragmento 3011 (p. 264) não contenha uma estrutura em tudo semelhante à mencionada na citação acima, também encerra um *-rã* verbal que Capistrano de Abreu passou para o Português sob a forma de uma oração relativa, conforme destacam os termos em negrito: (10) “*ix’minã mawa rawĩdoã, ratõ xõtõ daci ratõ iõnõairã, ix’minã mawa rawõedua iõi tã nabõ txami piõkatci*; ao urubú-rei muito bonito, **que** urubús todos aquelles manda, ao urubú-rei muito bonito dizer foram, chagas comer vir para.” Formulações como essa permitem supor que Capistrano de Abreu julgou *-rã* capaz de atuar mais amplamente na formação de construções de natureza relativa e não apenas como “‘que’ no acusativo”.

Do conjunto dos “índices casuaes” identificado por Capistrano de Abreu na língua Kaxinawá tomaria parte mais um sufixo com a forma *-rã*. Assim como *-tã*, *-to*, *-nĩ*, *-nã*, *-nõe*, *-õ-ã* e *-pã*, o índice casual *-rã* serviria preferencialmente para indicar o caso 1 (que abrangeria o nominativo, o genitivo e o vocativo), mas também poderia ocorrer indicando o caso 2 (vinculado ao acusativo e à presença de posposições). Capistrano de Abreu não enxergava caráter obrigatório na marcação de caso em Kaxinawá, mas atribuía aos sufixos sintáticos encarregados de efetivá-la “a função [...] de libertar a ordem das palavras” (Abreu 1914: 29). Dessa maneira, faz sentido postular que ele tenha classificado como marcadores de caso os sufixos *-rã* ligados a substantivos inseridos em sentenças, cuja disposição dos

termos não obedecia à “ordem natural [...] sujeito, objeto, verbo” (p. 30). Assim, o *-rã* de (11) “*nuku dötökani nairã*” (“nos mataria **o ceu**”, fragmento 4859, p. 429) pode ter sido tomado por Capistrano de Abreu como índice de nominativo, o que o igualaria ao *-tã* de (12) “*öç’karabötã nixi bi tãñũ*” (“dois **cipó** tirar vão”, fragmento 409, p. 58).

Ainda que o *-rã* indicativo de caso ficasse sem correspondente na tradução portuguesa, a distribuição da forma (junto a substantivo e geralmente em sentenças em que não se encontraria a ordem canônica) viria a permitir seu reconhecimento. Mais complexa seria a separação entre as duas outras modalidades de sufixo *-rã* igualmente desprovidas de um equivalente em nossa língua no processo de tradução das narrativas. Sob que critério(s) Capistrano de Abreu (1914: 18) teria fundado a distinção entre “*rã*, *ra* [que] podem-se juntar a qualquer parte da oração como partícula de realce, ou para outros efeitos” e “um sufixo, que ora aparece como *dã*, ora como *rã*, [e] provavelmente não tem relação com *ra*, *rã*”?

Naturalmente, o critério distribucional não tinha grande utilidade na resolução da questão, posto que a partícula de realce poderia se unir a todo tipo de termo. À primeira vista, a adoção de um critério fonético poderia parecer uma boa opção, uma vez que um sufixo assumiria as formas *rã/ra* e o outro as formas *dã/rã*. No entanto, a consideração de aspectos da fonética do Kaxinawá obriga-nos a descartar essa hipótese. O próprio Capistrano de Abreu destacou que em Kaxinawá “*d* inicial transforma-se geralmente em *r* brando no meio do vocabulo” (Abreu 1914: 10). De acordo com sua descrição, portanto, afigurava-se incomum a presença de *d* intervocálico. Com efeito, exemplos como (13) *bôni-ya-i-dã* (fragmento 20, p. 34) não apareceram em grande proporção no *corpus* investigado. É possível que o surgimento de *d*, nessa ocorrência, estivesse relacionado à utilização, pelo informante, de uma pronúncia pontuada por pausas. Afinal, Capistrano de Abreu esclareceu que a mudança de *d* para *r* tinha caráter reversível (cf. Abreu 1914: 13).

Nem mesmo a existência de uma forma não nasalizada (*-ra*) da partícula de realce deve ser encarada como uma fronteira fonética relevante entre os sufixos *-ra/rã* e *-dã/rã*, tendo em vista que Capistrano de Abreu sublinhou a frequência com que a “nasalização” e a “desnasalização” ocorreriam em Kaxinawá (Abreu 1914: 28). Para ilustrar tal fato, apontou o caráter de variantes fonéticas das formas (14) *txũ-txũ*, (15) *txũ-txũ-mã* e (16) *txũ-txũ-nã*, referentes ao nome de uma ave, a cambaxirra.

De acordo com a descrição do(s) sufixo(s) *-rã* fornecida por Capistrano de Abreu e com dados constantes no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, fica difícil encontrar justificativas consistentes no domínio da fonética ou no dos mecanismos gramaticais do Kaxinawá para a opção por distinguir duas unidades lingüísticas: o “sufixo obscuro” e a “partícula de realce ou para outros efeitos”. Provavelmente, Capistrano de Abreu acreditou que cada um desses sufixos *-rã* desempenharia um papel particular nas interações comunicativas e, por conta disso, teria postulado duas (sub-)categorias diversas. Essa hipótese ganha força quando se leva em conta que ele elegeu a observação de situações reais de comunicação como o único instrumento capaz de trazer respostas definitivas no tocante ao emprego das “partículas” do Kaxinawá e, em especial, do “sufixo obscuro” *-dã/rã*.

As partículas são a maior obscuridade do caxinauá; os textos não bastam para esclarecer-lhe as sutilezas, **só a convivência prolongada na aldeia poderia revelá-las**. Que significa *dã* 4854, 4874 e *passim*? às vezes diz-se *rã*. (Abreu 1914: 30, negritos adicionados).

Não há como negar a importância da “convivência prolongada na aldeia” para a elaboração de análises lingüísticas de qualidade. Apesar disso, proponho nos limites deste artigo um reexame do(s) sufixo(s) *-rã* fundado exclusivamente nos dados fornecidos por Capistrano de Abreu. Na intenção de compreender melhor o funcionamento daquela(s) forma(s) lingüística(s) no início do século XX, avalio na próxima seção a possibilidade de sua reinterpretação a partir de referenciais teóricos atuais. Em trabalhos futuros, seria certamente oportuno complementar a presente análise com uma investigação aprofundada das forma(s) lingüística(s) correspondente(s) no Kaxinawá atual.

#### 4. REVISITANDO O(S) SUFIXO(S) -RÃ

As formas incluindo um sufixo *-rã* certamente desafiaram Capistrano de Abreu não apenas porque constituíam tarefas difíceis precisar sua função e encontrar uma tradução adequada para elas, mas também por conta de sua considerável frequência nos relatos reunidos no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*. Dos 112 textos reproduzidos na obra, somente oito (ou menos de 7,2% do total) não continham exemplos de sufixo(s) *-rã* ou de suas variantes *-dã* e *-nã*. Vale dizer, em quase 93% dos relatos coletados figuravam formas com tais sufixos. *-Dã*, raramente expresso, manifestava-se na ausência de contexto intervocálico, devido à já mencionada mudança de “d” intervocálico para “r”. Muito mais difundida revela-se a variante *-nã*, que tem lugar após sons nasais ou nasalizados, como em (17) *ix'mĩ nã* (“urubu-rei”, fragmento 3011, p. 264) e (18) *öe ãi-nã* (“minha mulher”, fragmento 269, p. 48).

Não espanta que Capistrano de Abreu tenha postulado a existência de um *-rã* capaz de se “juntar a qualquer parte da oração como partícula de realce, ou para outros efeitos” (Abreu 1914: 18), pois são realmente muito variados os contextos em que se pode identificar tal terminação. Fica impossível, ainda, determinar para *-rã* um contexto característico ou privilegiado, sobretudo em se tratando de traçar uma distinção entre seus usos nominal e verbal. A diferença entre o número de relatos em que não foi encontrada a terminação *-rã* ligada a verbos (11, ou 9,8% do total) e o número de relatos em que a mesma terminação não foi identificada junto a nomes (21, ou 18,7% do total) não pode ser considerada significativa ou indicativa de qualquer tendência em especial.

Impõe-se, desde uma primeira análise, o fato de que o(s) sufixo(s) *-rã* contaria(m) com uma posição pré-determinada e invariável: último elemento em fronteiras de sintagma. Deste modo, é detectável como a sílaba final de advérbios, caso de (19) *ôanirã* (“acolá”, fragmento 3093, p. 272 e fragmento 3763, p. 327) e (20) *ravirã* (“ali”, fragmento 4932, p. 436 e “ali mesmo”, fragmento 1631, p. 156). No tocante a verbos e nomes, percebe-se que *-rã* se pospõe à marca opcional de plural *-bô*, como em (21) *hunikuũ bôrã* (“os caxinauás”, fragmentos 2976 e 2978, p. 261) e (22) *iuxibôrã* (“os diabos”, fragmentos 4766 e 4767, p. 421), ou em (23) *öiyabôrã* (“vendo estão”, fragmento 2349, p. 211) e (24) *mawaiibôrã* (“enterraram”, fragmento 1470, “enterram”, fragmento 1471, p. 143).

Formas verbais contendo diversos sufixos constituem outra evidência de que o acréscimo de *-rā* corresponde à etapa final do processo de formação dos vocábulos. Tanto (25) *pimamaikarā* (“comer fizeram não”, fragmento 1036, p. 108), quanto (26) *pikĩbõnarā* (“comeram a primeira vez”, fragmento 947, p. 102), em que o radical verbal “*pi*” surge acompanhado por vários sufixos, ilustram essa situação.

Servem como indício de que *-rā* aloja-se na fronteira dos sintagmas as inúmeras construções genitivas que assumem feição semelhante à de (27) *ionô xakarā* (“de legumes cascas”, fragmento 2426, p. 217) e (28) *mana miyoirā* (“de manã a história”, fragmento 2648, p. 234). O mesmo se nota com relação aos sintagmas em que um pronome pessoal desempenha a função de determinante, a exemplo de (29) *õe pitirā* (“minha comida”, fragmento 2419, p. 216) e (30) *nukũ bakörā* (“nosso filho”, fragmento 3171, p. 278).

Em razão de situar-se na fronteira dos sintagmas, muitas vezes *-rā* se une a posposições. Isso deve ter influído para que Capistrano de Abreu atribuísse a um dos sufixos *-rā* que identificou a capacidade de aliar-se a “qualquer parte da oração” e uma função um tanto imprecisa. É plausível crer que lhe tenham soado intrigantes construções como: (31) “*nõnõ mai yanôrā naikiaki*” (“aqui terra **em** ceu é”, fragmento 4886, p. 432) e (32) “*raç’ka waxõ, ranũkai bai tõrõ pix’ta wamiç’bõki mai yanôrā*” (“assim fizeram, agora roçado redondo, pequeno fazem chão **em**”, fragmento 1466, p. 142). Além de não diretamente associável a mecanismos morfológicos, a junção de *-rā* a posposições, ao menos segundo a tradução fornecida pelos informantes de Capistrano de Abreu, não traria nenhuma alteração semântica evidente. A comparação entre a versão portuguesa para as sentenças citadas logo acima e para outras similares, mas desprovidas do sufixo *-rā*, descortina a opção por construções em tudo idênticas, como evidenciam (33) “*õe hiwõ yanõ bana tãnõnã*” (“minha casa **em** plantar ir para”, fragmento 3390, p. 296) e (34) “*maxi ya-nõ xubu wa-xũ*” (“praia **em** casa fizeram”, fragmento 258, p. 48).

Assim como se encontram sufixos *-rā* unidos às diversas categorias de vocábulos, localiza-se essa terminação em vários tipos de sentenças. Com efeito, são milhares os exemplos de sentenças declarativas afirmativas que contêm *-rā* verbal, *-rā* nominal ou ambos. Ao último grupo pertencem (35) “*rawõe nabõrā ma inũ karā*” (“suas gentes já embora foram”, p. 306, fragmento 3511) e (36) “*rabĩ bakõpix’tarā mawanũbariérā*” (“porém menino pequenino morrerá para o ano”, p. 101, fragmento 934). A exemplo de muitos outros trechos da recolha efetuada por Capistrano de Abreu, (36) testemunha que dois termos com *-rā* podiam ocupar posições contíguas.

Sentenças com formas verbais negativas podem igualmente apresentar o sufixo *-rā*, caso de (25) “*pimamaikarā*” (“comer fizeram não”) e de (37) “*rabõ dabõrā datõic’marā*” (“aquelles dois medrosos-não eram”, p. 339). Também sentenças interrogativas marcaram-se pela ocorrência do sufixo *-rā*, fosse em contextos nominais ou verbais. Constituem exemplos do primeiro tipo (38) “*xawõe, mĩ nawarā harakirimõe*” (“jabuty, tua cantiga como é por ventura?”, p. 252, fragmentos 2874) e (39) “*mairā bõnãpa? ika*” (“terra levamos por ventura? fizeram”, p. 219, fragmento 2450); enquanto (40) “*nixõkõe, rania xõki xõmõ kãunarā*” (“tjuaçú, daonde o milho debulhado cahiu?”, p. 288, fragmento 3290) ilustra o segundo caso.

#### 4.1. O comportamento de *-rã* em contextos verbais

Contrariamente ao que se observa para os sufixos *-rã* que se unem a posposições e para a maioria dos sufixos *-rã* expressos em contextos nominais no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, muitos *-rã* que se ligam a verbos receberam uma tradução para o Português nas sentenças compostas com a ajuda de Borô e de Tuxinĩ. Capistrano de Abreu, conforme abordado anteriormente, delimitou três categorias de *-rã* verbal que contariam com correspondentes na língua portuguesa: 1) equivalente a “quando”; 2) substituto de pronome relativo e 3) substituto das conjunções *rabĩ* e *raki-a*. Tal análise nos deixa entrever que Capistrano de Abreu associou a presença de *-rã* a estruturas de natureza subordinada.

Notas manuscritas de autoria de Capistrano de Abreu presentes num exemplar do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* conservado no Instituto Histórico do Ceará sugerem que, durante a revisão de seu trabalho, ele se encontraria ainda mais certo de que a presença de *-rã* junto a verbos remeteria a orações dependentes. No volume anotado, trinta e um fragmentos textuais revelam uma inserção manuscrita da palavra “quando”, em direta correlação com uma forma verbal Kaxinawá contendo *-rã*, ou sua variante nasal. Outras nove notas transformaram em orações subordinadas diversas o correspondente em Português de formas verbais com *-rã*, caso da alteração manuscrita ao fragmento de número 4236 (p. 370), que passou a conter uma oração relativa. O informante ditou (41) “*nukũ nabô içô tibãinã*”, a que se deu a seguinte tradução impressa: “nossas gentes, do coatá atrás foram”. À mão, Capistrano de Abreu cancelou a vírgula e fez uso da conjunção “que”, chegando a “nossas gentes **que** do coatá atrás foram”.

Se Capistrano de Abreu tivesse empreendido uma revisão completa de sua obra sobre o Kaxinawá, é bem possível que tivesse aplicado de maneira sistemática o processo patente naquela nota manuscrita, pois muitos fragmentos textuais traduzidos por ele como uma sucessão de coordenadas aceitam uma releitura de feição ‘oração principal + oração subordinada’. As sentenças Kaxinawás (42) “*õe ãi-nã, atça bõičõ iã-wõe, ma rôxĩ -yã-ki-rã*” foram passadas para a língua portuguesa como “minha mulher, macaxeira arrancar vai! já amadureceu” (p. 48, fragmento 269), mas para o último trecho caberia também “**porque** já amadureceu”. Uma conjunção explicativa poderia ser igualmente empregada na tradução de (43): “*nukũ möç ’té nũ karã, nukô dõtõtibõki*”; o que acarretaria “(porque) nós sós nós fomos, nos matarão” (p. 63, fragmento 461).

Ainda que freqüentemente formas com *-rã* presentes nos relatos admitam uma tradução portuguesa de natureza subordinada, não se pode estabelecer uma relação direta e/ou necessária entre a presença da terminação em foco e vínculos entre orações. Afinal, não deixam de existir no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* sentenças que em Português foram tratadas como subordinadas (seja na versão publicada ou nas notas manuscritas deixadas no exemplar preservado no Instituto Histórico do Ceará) e não apresentam o sufixo *-rã*. No material impresso, vale mencionar (42) “*na ãe dunuwã buçõe pi paiki*” (p. 351, fragmento 4032), que foi traduzida como “esta minha da sucury que buçã comer quiz”. Do conjunto de notas manuscritas no exemplar preservado no Instituto Histórico do Ceará, vinte e quatro representaram acréscimos de “quando” relacionados a formas verbais sem o sufixo *-rã*. Em mais da metade dos casos, o verbo possuía o sufixo *-tã* (7 ocorrências) ou o sufixo *-xõ* (8 ocorrências), que coincidem com dois dos “*dependent clause reference markers*” analisados por Montag (2005, que os transcreve sob as formas *-tan* e *-xun*).

O caráter particular de certos sufixos verbais do Kaxinawá justificou o exame da interação entre cada sufixo verbal constante da listagem fornecida por Capistrano de Abreu e a forma *-rã*. Como resultado do levantamento, verificou-se que, dos dezesseis sufixos verbais mencionados em Abreu (1914: 20, 21) apenas *-kõe*, *-kawõe* e *-wõe* não foram atestados acompanhados por *-rã*. O fato de *-kawõe* e *-wõe* funcionarem como marcas do modo imperativo talvez explique sua ausência diante de *-rã*. O padrão que, até aqui, tem servido para descrever a manifestação de *-rã* em contextos verbais – situado na última sílaba da forma verbal – não foi detectado nas frases imperativas. Ou seja, nesse tipo de frase não se pôde reconhecer a estrutura esperada, composta por “sufixo verbal + *-rã*”. No entanto, uma construção de frequência considerável no *corpus* e cuja tradução não difere da oferecida para as formas imperativas, de modo geral, parece ser o resultado da junção do sufixo *-rã* com a marcação de modo imperativo: radical + *-nã* + *-wõe*. Supondo-se que a natureza nasalizada do sufixo de imperativo tenha exercido influência sobre *-rã*, transformando-o em *-nã*, se poderia compreender melhor trechos como: (43) “*pôkĩ-nã-wõe*” (“cavemos!”, p. 41, fragmento 138); (44) “*ka-ri-nã-wõe*” (“vamos depressa!”, p. 42, fragmento 151) e (45) “*táu pôç’ô xatõnãwõe*” (“paxiúba barriguda cortemos”, p. 94, fragmento 865).

#### 4.2. O comportamento de *-rã* em contextos nominais

Embora os sufixos *-rã* unidos a nomes tenham sempre indiscutivelmente se alojado na fronteira dos sintagmas, sua análise está longe de poder ser tomada como algo simples. Ao mesmo tempo em que são imediatamente identificáveis no corpo do texto, o reconhecimento de sua função exata desafia o analista. Diversamente do sufixo *-ra* Sipibo-Conibo, que ocorre sistematicamente como a última sílaba do primeiro constituinte de uma sentença declarativa não-subordinada (cf. Valenzuela 2002, Weißhar e Illius 1990), não ganha sustentação a hipótese de que o(s) sufixo(s) *-rã* ligado(s) a sintagmas nominais constantes no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* se prestem a apontar mecanismos morfológicos ou sintáticos.

Sendo assim, faz sentido procurar uma articulação entre os sufixos *-rã/-dã/-nã* registrados por Capistrano de Abreu – que podem se ligar a sintagmas nominais desempenhando qualquer função sintática, em todas as ordens sintáticas observáveis – e a progressão do conteúdo informacional da mensagem. Falharam, entretanto, as tentativas preliminares de correlacionar o(s) sufixo(s) *-rã* em relatos do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* tanto com a entrada de novas informações quanto com a manutenção de um assunto<sup>3</sup>. Com efeito, um actante que surge pela primeira vez no texto, assim como outro largamente comentado ou recentemente reintroduzido podem contar ou não com o sufixo *-rã*.

Segundo a interpretação de Camargo (2005), *-rã* (*-dan*, na transcrição fonológica adotada pela autora) unido a sintagmas nominais funcionaria, no Kaxinawá atual, como “marca de tematização” (p. 59) ou “marca de tópico” (p. 76). Como tal, seria obrigatoriamente expresso nas sentenças em que não se emprega a ordem canônica sujeito-objeto-verbo. Em Kaxinawá atual, portanto, nesse tipo de sentenças “o actante que representa o agente

<sup>3</sup> Agradeço a decisiva colaboração, para a realização dessa análise, da Profª. Dra. Elke Nowak e de suas orientadoras de Doutorado, na Technische Universität (Berlim), Hanna Stöcker e Nadine Proske.

sempre será marcado pelo caso ergativo, porém, o actante que representa o paciente requerirá, neste caso, a **marca de tematização, -dan**” (Camargo 2005: 59, negrito adicionado).

Para os dados coletados por Capistrano de Abreu, não se pode declarar que as sentenças com ordem OAV apresentem invariavelmente um objeto acompanhado do sufixo *-rã/ -dan* seguido de um sujeito com nasalidade final, marca que se atribui ao caso ergativo. Há, no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, tanto sentenças que obedecem ao padrão descrito por Camargo (2005: 59), caso das transcritas em (a)<sup>4</sup>, como outras com estruturas diversas, a exemplo do que se vê em (b) e (c):

a) Objeto-*rã* + A-nasalizado + Verbo

(46) *höorã manã ũiyama*: à jia manã viu não; (p. 232, fragmento 2616)

(47) *kapörã kunĩ kuxa paia*: ao jacaré o puraquê espancar quiz (p. 295, fragmento 3378).

b) Objeto-*rã* + A-não nasalizado + Verbo

(48) *kaxirã xuya damimiç'kiaki kaxirã*: em morcego o rato se encanta, em morcego; (p. 254, fragmento 2896);

(49) *ionörã kapa damiwaimaki*: o legume o coati-purú encantou (p. 220, fragmento 2468)

c) Objeto + A-nasalizado + Verbo

(50) *ni txôxi tĩ mö-nô-kĩ*: mata secca o fogo queima (p. 35, fragmento 52);

(51) *iuinakaraci ebebõ atça vua yabi pikĩ*: caças muitas as mulheres, macaxeiras cosidas também, comem (p. 93, fragmento 849).

A falta de regularidade patenteia-se, também, quando se considera a distribuição de *-rã* entre termos de uma oração que compartilham a mesma função sintática. Um aposto a um termo que contém *-rã* pode ou não apresentar o sufixo. Por exemplo, há uma sucessão de apostos com *-rã* em (52): “*raç'ka dakaimakiaki õe kukarã, õe öwa pôirã, çanĩbariã*” (“assim fazia meu tio, de minha mãe irmão, çanĩbari”, p. 175, fragmento 1885). Pode ser lembrado entre os trechos que expõem aposto sem a terminação *-rã*, (53): “*ratõ hiwörã, hiwõ xakatxé, aĩbõ öç'karabõ, bakõ pix'ta öç'karabõ hiwõ uĩ, hiwõabõ*” (“sua casa, a casa vasia, mulheres duas, meninos pequenos dois, a casa olham (guardam), moram”, p. 214, fragmento 2383). Verifica-se, ainda, a presença de *-rã* unicamente no aposto, como demonstra (54): “*ranũkãĩ mawa nãta nũ nimiç'kiaki, nukũ iõxinã*” (“agora muito longe nós andamos, nossas almas”, p. 139, fragmento 1426).

<sup>4</sup> Nessas sentenças, Capistrano traduziu o primeiro termo sob a forma de um objeto direto preposicionado, para evitar uma interpretação errônea da parte dos leitores.

Assim como a relação de aposição, as enumerações agrupam termos que apresentam a mesma função sintática. Também nesse contexto não se observa uma constância na manifestação de *-rã*, que pode não aparecer; aparecer em todos os termos arrolados ou em qualquer um deles. Somente um sintagma nominal da enumeração porta o sufixo em (55): “*bai waxõ, xõki banamiç’boki, atça yabirã, mani inõ, tama yabi, iõçõ yabi, kari inõ, iõbõ yabi, barã inũ banamiç’bõki*” (“roçado fizeram, milho plantaram, macaxeira também, bananeira também, mudubim também, feijão também, batata também, inhame também, mamão também plantam”, p. 68, fragmento 520). Um dos termos deixa de conter *-rã* em (56), que toma a forma “*ratõ kõnarã manã inũ, kupirã*” (“seus nomes manã também, *kupirã* eram”, p. 339, fragmento 3903). Já o exemplo (57) integra o conjunto daqueles em que nenhum participante da enumeração ficou desprovido do sufixo: “*iõtã bö hiwoa, ãka inãmiç’kiaki matcirã, iamõ yabirã*” (“aranha com mora, *ãca* deu-lhe, o frio, a noite também”, p. 447, fragmento 5053). O mesmo pode ser afirmado acerca de (58): “*rawõe ibõrã kaxayamakiaki, rawõe kamã yabirã*” (“sua mãe chorou, seu cachorro também”, p. 208, fragmento 2307).

Com o objetivo de retratar com mais precisão o(s) sufixo(s) *-rã*, procedeu-se à avaliação de seu comportamento em contextos caracterizados pela repetição de um sintagma nominal. Os resultados não se afastaram dos reconhecidos para a aposição e a enumeração, verificando-se a impossibilidade de determinar restrições consistentes e de estabelecer regras de distribuição. Inicialmente, tornou-se necessário descartar qualquer limitação para a junção de *-rã* a um elemento que se reitera, como sugerem (59), em que as três ocorrências do mesmo termo têm *-rã* como sílaba final e (60), em que se observa esta situação por quatro vezes. De fato, em (59) tem-se: “*huni ku-ĩ, hawõe kõnarã akuruarã, mawa dayakapa, mawa mõtçaparã, mawa ãiracia, mawa bakõ dacia, akuruarã mawa datõmarã, akuruarã hamõç’i txai kuĩ iõnaka dõtõxõ nanõikatçi*” (“caxinauá, seu nome acuruá, muito trabalhador, muito marupiara, muito mulheres muitas com, muito filhos muitos com, acuruá muito medroso-não, acuruá elle só longe-muitíssimo caças matou moquear para”, p. 321, fragmento 3692). Acompanhe-se também a sucessão de retomadas de um termo em (60): “*harukũ kõnarã tiwakiaki rarukũ kõnarã, apõ kõnarã xanõkiaki apõ kõnarã*” (“do primeiro o nome seu ‘espremido’ é, do primeiro o nome seu é, do zangado nome seu ‘seco’ é; do zangado o nome seu é” (p. 507, fragmento 5725).

Como se adiantou, não se pode imaginar que tenha validade universal o padrão ‘presença de *-rã* em sintagmas nominais reiterados’ que se poderia depreender de (59) e (60). Afinal, o *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* é rico em exemplos de sintagmas nominais repetidos que divergem quanto à ocorrência daquela terminação. Identificam-se casos em que apenas a segunda menção leva *-rã*, como em (61) “*ĩ nabõ, ã knabõrã raç’kamiç’ki*” (“minhas gentes, minhas gentes assim fazem”, p. 96, fragmento 890); em (62) “*xapõ põxõa, barĩ kua, xõrõmiç’ki, xurua, ebõ tçõkamiç’ki xapõrã*” (“o algodão abriu-se, o sol queimou-se, boja, bojou, a mulher arranca o algodão”, p. 132, fragmento 1368) e em (63) “*huni mawa hõnõ ki datõmiç’, hunirã naxiç’marã*” (“o varão muito água com amedronta-se, o varão banha-se não”, p. 305, fragmento 3492). Dá-se exatamente o contrário em (64), com o sufixo somente na primeira ocorrência: “*ãiburã dakõiç’maki, ãibõ diçi txai pa böna rawõe hiwõ tã tõwõmiç’ki*” (“a mulher se envergonha não, a mulher (casada de vespera) rede comprida nova sua casa em arma”, p. 131, fragmento 1350).

As ocorrências em que uma mesma palavra é expressa três vezes também não se governam por leis previsíveis. Compare-se (59) com três menções contendo *-rã*, a (65) e (66), com uma única ocorrência de *-rã* e a (67), em que uma ocorrência do sintagma nominal deixa de revelar a terminação *-rã*:

(65) “*rawõe bõtça ãiyaimakõe, bõtcarã tçôã bönöwatima, rawõe bõtça böç'tê ãiyãkõe*: seu irmão amulherou-se, com o irmão alguém maridar-se quiz não, seu irmão só amulherou-se” (p. 327, fragmento 3758);

(66) “*na miyõi, kaxi inũ, kunô daminirã rawõe miyõi ratêxũ ãe xinãi: na miyõirã ratexüki, yamaki*: esta historia, morcego tambem, orelha de pau encantaram-se, sua historia até aqui eu me lembro: esta historia até aqui, tem não mais” (p. 258, fragmento 2951);

(67) “*õe oparã raç'kaniki, ãe öpa max'kõ ãe kama buyamaki, ãe oparã raç'kaniki, rtki [ratêxüki]*: meu pai assim fez, meu pai mais moço meu cachoro levou, meu pai assim fez, até aqui.” (p. 170, fragmento 1832).

Elaborado para sintetizar os resultados da investigação das formas de ocorrência de *-rã* em aposições, enumerações e repetições de um sintagma nominal, o quadro 1) abaixo patenteia a ausência de regras na distribuição daquele(s) sufixo(s) nesses contextos.

Quadro 1: Forma de ocorrência de *-rã* em aposições, enumerações e repetições em Abreu (1914).

| Contexto lingüístico | Ocorrências de <i>-rã</i> atestadas no corpus          |
|----------------------|--|
| Aposições            | Só no sintagma nominal determinado                     |
|                      | Só no oposto   |
|                      | No aposto e no sintagma nominal determinado            |
| Enumerações          | Em qualquer dos sintagmas nominais                     |
|                      | Em mais de um sintagma nominal (quaisquer combinações) |
|                      | Em todos os sintagmas nominais                         |
| Repetições de um SN  | Em qualquer um dos sintagmas nominais                  |
|                      | Em mais de um sintagma nominal (quaisquer combinações) |
|                      | Em todos os sintagma nominais                          |

Se, como indica o quadro 1), dados constantes das narrativas fornecidas por Capistrano de Abreu não apontam para um funcionamento padronizado da interação entre repetição de sintagmas nominais e ocorrência do(s) sufixo(s) *-rã*, reforçam, por outro lado, a impressão de que esse elemento pertence ao domínio discursivo.

### 4.3. A terminação *-rã* e efeitos de realce

Estruturas circulares, que se notam por todo o *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, não preenchem exigências morfossintáticas e pouco ou nada contribuem para a tessitura do conteúdo informacional do texto. Por conta disso, possivelmente integram o grupo dos mecanismos lingüísticos que levaram Capistrano de Abreu a associar a terminação *-rã* a efeitos de realce e de ênfase. Confirmam-se alguns exemplos ilustrativos: (68) “*xuyarã öç’kamiç’ki xuyarã*” (“o rato assim faz, o rato”, p. 254, fragmento 2898); (69) “*dônũ kônörã iôri wamiç’ki, donũ kônörã*” (“de cobra a pintura torta faz, de cobra a pintura”, p. 113, fragmento 1103) e (70) “*awarã hunikuĩ daminikiaki awarã*” (“em anta um caxinauá se encantou, em anta”, p. 183, fragmento 1997).

Dificilmente a duplicação dos pronomes pessoais sujeito, processo freqüente nos textos Kaxinawás investigados, desempenharia alguma função gramatical ou um papel de relevo na alternância informação conhecida/ informação nova. Dentre as ocorrências de *-rã* que se unem a pronomes pessoais, parcela significativa corresponde a uma menção do pronome acompanhado do sufixo seguida de reiteração do pronome, como indicam (71) “*öarã öe bônitêa rawa pitima*” (“eu, eu de fome tempo coisa alguma comer posso não”, p. 235, fragmento 2653), (72) “*miarã mĩ baiyumamõe? aka*” (“tu, tu roçado sem és por ventura? fez”, p. 235, fragmento 2655) e (73) “*nukurã nõ iômötçôig’maki*” (“nós, nós, ladrões somos não”, p. 118, fragmento 1177). Embora essa seja a situação mais comum, nem, nem sempre as duas ocorrências do pronome surgem lado a lado. A possibilidade de inserção de outros elementos entre as formas pronominais é atestada por (74): “*iarã nama kaya ĩ kairã*” (“eu no meio direito (bem no meio) eu vou”, p. 64, fragmento 483).

Saindo-se das fronteiras dos fragmentos textuais segmentados e numerados por Capistrano de Abreu, unidades de maior porte sugerem igualmente a existência de efeitos discursivos que estariam vinculados ao emprego do(s) sufixo(s) *-rã*. De modo inquestionável, o recurso a repetições e ao paralelismo estrutural modela a feição de muitos dos textos reproduzidos no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*. Em tal aspecto, as narrativas Kaxinawás aproximam-se dos mitos Sipibo analisados por Illius (1999), em que esses dois processos de reiteração representariam um dos principais diferenciais entre a arte dos narradores míticos e a linguagem cotidiana. Ao que tudo indica também característico do gênero narrativa-mítica entre os Kaxinawá, o paralelismo estrutural, na documentação reunida por Capistrano de Abreu, parece ter sido reforçado e evidenciado pelo emprego da terminação *-rã*.

Com efeito, não são nada incomuns no conjunto dos textos ditados por Borô e Tuxiniñ formulações em que atuam combinadamente a reiteração de estruturas e o sufixo *-rã*. Concluem-se pela construção ‘radical verbal + *katçi* + *-rã*’, passada por Capistrano de Abreu para o Português na forma de uma oração subordinada final, (75), (76), (77) e (78): (75) “*pia wa-ka-tci-rã*” (“frecha fazer para”); (76). “*pia-ya-i ka-ka-tci-rã*” (“caçar irem para”); (77). “*pia-ya-i ka-tcirã*” (“caçar ir para”) e (78). “*ratõ na-bô kuxa-ka-tci-rã*” (“suas gentes espancarem para”; p. 45, fragmentos 210 a 213). Guardam grande semelhança formal (79) e (80), em que marcam presença três ocorrências de *-rã*: (79) “*iomötçôrà txabôki, iomötçôamarã pôki*”; (80) “*iomötçôrà äiyômaki*” (“quem rouba ruim é, quem rouba não, bom é/ ladrão mulher sem é”, p. 119, fragmentos 1179 e 1180). Salta aos olhos, ainda, a quase

coincidência entre (81) e (82). O primeiro reporta a informação (81) “*rawõe ibôrã kaxayamakiaki, rawõe kamã yabirã*” (“sua mãe chorando está, seu cachorro também chorando está”, p. 208, fragmentos 2307); conteúdo praticamente retomado pelo segundo — (82) “*rakia rawõe ibôrã kaxayamakiaki, rawõe kamã yabirã*” (“porém sua mãe chorou, seu cachorro também”, p. 208, fragmento 2313).

O modo de narrar dos Kaxinawás, pelo que apontam os textos do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*, lançaria mão com frequência de fórmulas responsáveis por inaugurar e terminar relatos, sintetizando seu conteúdo. Boa parte dessas fórmulas encerra comentários de natureza metalingüística e/ou conta com termos a que se liga um sufixo final *-rã*. Exatamente um quarto dos textos impressos no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* é iniciado por tais construções, possuidoras de ocorrências da terminação em análise. A porcentagem dos relatos cujo fechamento se vale dessas estruturas contendo *-rã* revela-se ainda mais significativa: quase 60%.

Como bem exemplifica (83), trecho inicial da narrativa “O caxinauí que bebeu huni”, não se fazia obrigatória uma referência explícita ao tema desenvolvido ao longo do relato: “*õe nabôrã öç’kanikianĩ*” (“minhas gentes assim fizeram”, p. 413, fragmento textual 4677). Traço comum a trechos iniciais dessa natureza e a outros que remetem diretamente ao assunto abordado corresponde ao uso de construções Kaxinawás traduzidas em Português sob a forma de “assim fez” ou “assim fizeram”. Evidenciam tal fato igualmente os fragmentos introdutórios das narrativas “O irmão morto pelo irmão” e “O maribondo enganando os urubús”, nomeadamente: (84) “*õe nabô rônĩ daböç’, ratô kõnarã öç’karã: banö inũ, makari, öç’kanibôkiaki*” (“de minhas gentes varões dois só, seus nomes assim: banö também, makari, assim fizeram”, p. 330, fragmento 3794) e (85) “*binarã xötö parãkatçirã öç’kamiç’kiaki*” (“o maribondo urubús enganar para assim fez”, p. 245, fragmento 2775).

Em um exemplo particularmente interessante, Tuxinĩ começou a contar a história do “rato que virou morcego” mencionando o ato mesmo de contar (como o ato de registrar executado por Capistrano de Abreu) e recorrendo ao sufixo *-rã* por duas vezes. Em seguida, utilizou-se de uma estrutura gêmea das citadas logo acima. Deveria provocar um efeito especial o recurso simultaneamente ao redobro do pronome pessoal e ao *-rã* na última palavra do fragmento, que representa justamente o relato: (86) “*öeanã öe mia miyuinõ, kõnõwö, kaxi miyui mia iuninũ, kõnõ dikabi miyui mia iõinũ, kõnõwö miyuirã./ 2895. kaxinã öç’kamiç’kiaki, mia iõinũ*” (“eu, eu te uma historia conto, escreve! de morcego a historia te conto, de orelha de pau também a historia te conto, escreve a historia! morcego assim faz, te conto”, p. 254, fragmento 2894).

A forma *miyuirã* e a variante de transcrição *miyôirã* fazem parte também dos comentários metalingüísticos expressos no encerramento das narrativas, cuja feição geralmente pouco se diferencia da já apresentada para os trechos iniciais. Em “O presidente”, por exemplo, o segmento final contém essa palavra, acompanhada de outras três portadoras da terminação *-rã/-dã*, resultando em (87) “*iõxinõe raç’kamiç’kiaki: nai nawarã, ratõ nai döramiç’dã, iõxĩ yabirã miyôirã, ratêxũki*” (“a alma assim faz: do céu as das gentes, daquelas que o céu cortam a machado, das almas também a historia sua até aqui”, p. 434, fragmento 4905). Nota-se igualmente um pequeno conjunto de finais *-rã*, que engloba uma ocorrência de *miyôirã*, em (88), trecho

responsável pela conclusão da narrativa “Os caxinauás que viraram porcos”, de acordo com a versão fornecida por Tuxinĩ: “*õe nabô xõnipaborã iawakatcirã öç’kanibôkiaki: õe iawa miyôirã ratexũ ki, yamaki*” (“minhas gentes velhas porcos serem para assim fizeram: minha de porcos historia até aqui, não tem mais”, p. 196, fragmento 2153).

Tendo em vista o exame da forma de ocorrência do(s) sufixo(s) *-rã* nas narrativas reproduzidas por Capistrano de Abreu, é plausível duvidar de que haja uma explicação de natureza morfológica para as três ocorrências de sufixo *-rã* de (88) e para as quatro de (87), do mesmo modo que para outras centenas de casos comparáveis presentes no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame de dados constantes do *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* a partir de pressupostos teórico-metodológicos atuais indicou que o emprego do(s) sufixo(s) *-rã* em sintagmas nominais no início do século XX devia obedecer não a condicionamentos de ordem morfológica, mas a determinações de cunho pragmático.

Sua possível vinculação a mecanismos de construção de orações dependentes, que requer investigação mais detalhada, impede, por ora, que os *-rã* unidos a verbos identificáveis no *rã-txa hu-ni-ku-ĩ* tenham a sua utilização descrita como um fenômeno de caráter essencialmente pragmático.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. C. de. (1914). *rã-txa hu-ni-ku-ĩ*. A língua dos caxinauás do rio Ibuacú, affluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro: Typografia Leuzinger, 1ª edição.
- \_\_\_\_\_. (1977 [1954]). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Brasília: Instituto Nacional do Livro, vol. III, 2ª edição.
- AGUIAR, Maria Sueli de. (1994). *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- CAMARGO, E. (1991). *Phonologie, morphologie et syntaxe: étude descriptive de la langue caxinauá (pano)*. Tese de doutorado. Paris: Université Paris-Sorbonne (Paris IV).
- \_\_\_\_\_. (2005). Manifestações da ergatividade em caxinauá (pano). *LIAMES* 5: 55-88.
- CHRISTINO, B. (2006). *A rede de Capistrano de Abreu: uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da Sul-Americana dos anos 1890-1929*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (2007). A marcação de caso no Caxinauá registrado por Capistrano de Abreu. Comunicação - apresentada no 55º Seminário do GEL, UNIFRAN, Franca.
- DIXON, R.M.W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ILLIUS, B. (1999). *Das Shipibo. Texte, Kontexte, Kommentare. Ein Beitrag zur diskursorientierten Untersuchung einer Montaña-Kultur*. Berlin: Dietrich Reimer.

MONTAG, R. (2005). *Participant referencing in Cashinawa*. SIL International.

VALENZUELA, P. (2002). *Relativization in Shipibo-Konibo. A typologically oriented study*. München: LINCOM Europa.

WEIßHAR, E. und ILLIUS, B. (1990). Eine Grammatik des Shipibo-Conibo mit Textbeispiel. ILLIUS, B. und LAUBSCHER, M. (Hrsg.). *Circumpacifica: Festschrift für Thomas S. Barthel*. Frankfurt am Main/ Bern/ New York/ Paris: Lang. S. 563-587.

Recebido: 23/06/2007

Versão Corrigida: 25/09/2007

Aceito: 04/03/2008